



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

ENSINO DE LITERATURA NO COLÉGIO PEDRO II, NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, DE SÍLVIO ROMERO E JOÃO RIBEIRO

Ana Arguelho de Souza
anaarguelho@yahoo.com.br
(UEMS)

Resumo

O presente trabalho é parte dos resultados de pesquisa desenvolvida e financiada pelo CNPQ, acerca de instrumentos didáticos no Colégio D. Pedro II, realizada pelo HISTEDBR/MS e pelo GEPSE (Grupo de Estudos e Pesquisa Sociedade, História e Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Trata de instrumentos didáticos para o ensino da literatura, mais especificamente, do Compêndio de História da Literatura Brasileira, de Sílvio Romero e João Ribeiro. Os autores foram professores do Colégio Pedro II entre 1850 a 1945, período delimitado nesta pesquisa e o compêndio foi escrito para fins de ensino de literatura. O referencial teórico que orienta a pesquisa é a Ciência da História, defendida por Marx e Engels, em A Ideologia Alemã (1987, p. 24) como a única ciência que efetivamente permite uma compreensão da universalidade das questões tratadas. Foram utilizadas fontes primárias e secundárias, obtidas em levantamento bibliográfico no próprio Núcleo de Documentação do Colégio Pedro II, RJ, em sebos e bibliotecas. O objetivo foi apreender quais circunstâncias determinaram a conformação atual da literatura no livro didático. Os resultados demonstraram que existe uma linha de continuidade histórica entre o compêndio e o livro didático contemporâneo, no que respeita à ausência de textos literários em um instrumento que pretende ensinar literatura.

Palavras-chave: Educação. Literatura. Compêndio.

Introdução

Entende-se que a literatura seria o instrumento por excelência para o estudo de uma língua, na medida em que expressa o padrão lingüístico mais elevado de um povo, servindo de referência, inclusive, para a sistematização de sua gramática. No entanto, o exame de manuais didáticos contemporâneos para o estudo da literatura no ensino médio permitiu constatar que neles esta é substituída pela história da literatura e pelas teorias literárias, quando não, por resumos de obras. Esse estado de coisas conduziu à investigação do percurso do ensino de literatura em manuais didáticos brasileiros, já que neles estão registradas as formas históricas do conteúdo e da didática adotada para o ensino dessa área do conhecimento. O objetivo foi apreender quais circunstâncias determinaram a conformação atual da literatura no livro didático.

Tomou-se como referência para este estudo as formas mais desenvolvidas, tanto de instituição escolar como de manuais didáticos, seguindo a premissa de que a forma mais

2588





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

desenvolvida contém a menos desenvolvida, não sendo válido o seu contrário. O Colégio Pedro II, nas circunstâncias da transição do Brasil Império para República, é palco no qual se definem os rumos para o currículo do ensino médio, servindo como referência para as demais escolas do sistema brasileiro de educação, para esse grau de ensino. Nesse cenário, o trabalho de Silvio Romero e João Ribeiro, como educadores atuantes nesse colégio, ganha expressão, também, como a forma mais desenvolvida, segundo a crítica especializada. Operou-se, então, um recorte para a análise da obra *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, de autoria de ambos, dada sua importância, não só para a educação como para os destinos da história e da crítica literária no país.

O referencial teórico que baliza este trabalho é a Ciência da História, instrumental desenvolvido e adotado por Karl Marx em toda a sua obra, porém explicitada de maneira clara na *Ideologia Alemã*: “Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história” (MARX E ENGELS: 1987, p. 24). Ainda que enunciada em nota de rodapé, julga-se que essa nomenclatura é a mais adequada para nomear a opção metodológica eleita neste texto. Na verdade, só a história, entendida como o movimento contraditório dos homens nos seus diferentes modos de produzir a vida, permite a apreensão de qualquer objeto em sua gênese, desenvolvimento e obsolescência, para além do que permitem as ciências especializadas. Tem-se claro que a problemática aqui focada só pode ser pensada dentro das condições materiais e das necessidades do capitalismo.

Nesse sentido, buscou-se compreender, no movimento histórico do capitalismo, a produção dos instrumentos formulados pela burguesia para instruir seus cidadãos. O objetivo foi o de verificar, por meio da análise de manuais didáticos utilizados no ensino de língua e literatura, nos primórdios da educação formal de ensino médio no Brasil, onde se localiza a gênese do problema da ausência da literatura nos manuais da atualidade.

Com o propósito de apreender a produção de manuais didáticos numa perspectiva histórica, já foi anteriormente publicado sob forma de artigo – *Manuais didáticos de língua e literatura na modernidade: gênese e desenvolvimento histórico* (2010a) – um estudo de nossa autoria sobre manuais de ensino de língua concebidos e formulados pelos dois mais expressivos representantes do movimento da Reforma, no capitalismo nascente: Wolfgang Ratke, *A nova arte*





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

de ensinar: (1571 - 1635) textos escolhidos (2008) e João Amós Comenius, *Didáctica Magna* (1985).

No primeiro pedagogo, a preocupação era a de elaborar manuais didáticos para o ensino da língua alemã, numa sociedade em transição para a modernidade, em que o movimento da Reforma, capitaneada por Lutero, demandava a leitura da bíblia em língua materna¹. Nesse contexto, Ratke foi o responsável pelos primeiros manuais de língua modernos de que se tem notícia, cuja orientação de leitura pautava-se em textos bíblicos. Comenius, um pouco mais à frente de Ratke, formulou na sua *Didáctica Magna* todo o sistema de ensino moderno, cuja organização e instrumentos, preservadas as injunções históricas, se estendem até a escola de nossos dias.

O que de importante é preciso retomar, da obra desses dois pedagogos é o reducionismo de conteúdos dos manuais didáticos para o ensino da língua materna e o caráter pragmático da leitura que conceberam. A preocupação de Ratke era o de instruir os alunos no domínio da língua alemã com vistas à leitura de textos bíblicos. Em Comenius, o aprendizado da língua ocorreu a partir de uma sucessão de manuais, nos quais a imagem deu lugar à palavra, esta à frase e a frase aos excertos de texto. Autores da literatura clássica, contemplados na Idade Média pelo ensino preceptor, de natureza artesanal, foram desprezados nos manuais, tendo-se notícia desses apenas pela menção que faz Comenius ao *Tesoiro*, último livro da série de manuais de aprendizagem das línguas modernas, formulada por ele. Apenas esse manual sugere o trabalho com excertos de textos clássicos.

Na verdade, existe uma razão para tal. Ao tempo de Comenius, o mercado capitalista começa a se universalizar, as exigências das manufaturas, a formação das nações modernas e a apregoada universalização das letras pela burguesia foram tornando imperiosa a necessidade de substituição da então hegemônica língua latina, pelas línguas modernas. Isso não significou, porém, o domínio da grande literatura produzida até então. Ao contrário, o ensino da língua se

¹ Não se pode ignorar que a construção das línguas nacionais, a consolidação dos estados nacionais independentes e a transformação dos reinos em nações livres, o mercantilismo, as manufaturas são, todos, movimentos simultâneos, oriundos da necessidade do estabelecimento do capitalismo de livre-concorrência entre nações, que se consolida ao longo dos séculos XV a XIX. E mais, que a Reforma não é apenas um movimento de caráter religioso, mas trata-se de um movimento de base econômica, uma vez que vai sendo aderido por forças sociais da burguesia que luta contra a igreja feudal por uma igreja mais ajustada às necessidades do capitalismo nascente.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

deu por meio de acanhados manuais e o lema da burguesia “escrever, ler e calcular” limitou-se ao básico para o domínio da leitura e dos cálculos próprios da vida cotidiana e imediata, segundo atesta o próprio Comenius (1985, p. 331).

As fontes primeiras investigadas apontaram, portanto, um caráter pragmático e utilitarista no discurso de Ratke e Comenius, sobre a leitura e seu objeto, a literatura. E considerando a natureza pragmática e utilitarista do próprio capitalismo, é compreensível que em seus instrumentos se imprimisse essa marca, o que é importante registrar neste estudo, visto que o mesmo pragmatismo bem como a ausência de textos literários significativos no estudo das línguas marcou a história da leitura no mundo moderno, incluindo o Brasil.

A pesquisa nos conduziu à análise de manuais didáticos brasileiros, permitindo a percepção de dois momentos: o primeiro em que o ensino da literatura expressa uma espécie de colonialismo à literatura portuguesa. É o caso do *Curso Elementar de Literatura Nacional* do cônego J. C. Fernandes Pinheiro, objeto de outro momento desta mesma pesquisa. O outro momento data de 1892, com o compêndio *História da litteratura brasileira*, de Sílvio Romero, em que o colonialismo cede lugar à exaltação nacionalista, como será aqui demonstrado.

Fontes didáticas de autoria de Sílvio Romero

Antes de entrar na análise da obra é importante assinalar que no conjunto da pesquisa, outras fontes do mesmo autor foram localizadas, assim como edições diferentes da obra aqui abordada: do *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (escrito a quatro mãos com o professor João Ribeiro), foram encontradas duas edições, ambas no Colégio Pedro II: uma 1ª edição, de 1906 RJ/SP/BH: Livraria Francisco Alves e uma 2ª edição refundida, de 1909 RJ/SP/BH: Livraria Francisco Alves.

Duas edições da *História da Literatura Brasileira: contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da Literatura Brasileira* foram localizadas no IHG (Instituto Histórico Geográfico): uma 3ª ed. organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. Código: 181.4.139 – 143; e uma 7ª ed. organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. Código: 16930. Ainda foram encontradas no IHG uma edição de 1885





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

dos *Estudos de Literatura Contemporânea* e uma edição de 1888 da *História da Literatura Brasileira*.

Na Academia Brasileira de Letras foram localizadas edições comemorativas do sesquicentenário de nascimento do autor: o *Compêndio de História da Literatura Brasileira* e a *História da Literatura Brasileira* (tomos I e II), ambas organizadas e comentadas por Luiz Antonio Barreto e publicadas em 2001 pela Imago Editora, Rio de Janeiro, em co-edição com a Universidade Federal de Sergipe.

Por fim, mais uma edição dos *Estudos de Literatura Contemporânea* foi localizada. Trata-se de um volume da mesma edição comemorativa organizada e comentada por Luiz Antonio Barreto.

Nesta pesquisa foi utilizada para análise a edição comemorativa do *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, que reproduz a edição de 1909 e, segundo Nota do Organizador, diverge da primeira, de 1906 “pela retirada dos autores vivos e pela inclusão de nomes [...] e pelo cuidado de não provocar polêmicas, como afiançaram, em maio de 1909, os editores”.

Análise do Compêndio

No ano de 1892, o nome de Silvio Romero aparece, pela primeira vez, nos programas do Colégio Pedro II organizados por Vecchia e Lorenz (1998). Ele ocupa a cadeira História da Litteratura Nacional, com indicação da *Historia da litteratura brasileira*, sob a forma de apostilhas do professor. A cópia original da apostilha e nenhum manuscrito que se identificasse como tal foram localizados.

Nesta pesquisa, adotou-se para fins de análise a edição comemorativa que reproduz o compêndio de 1909, porque se deduziu das informações de Barreto (2001) que este parece ser uma adaptação mais didática daquela *Historia da litteratura brasileira*. Essa suspeita confirma-se pelo fato de que na escrita do compêndio, Romero teve a participação de João Ribeiro, professor conceituado do Colégio Pedro II.

A obra divide-se em duas partes: a primeira, de natureza teórica, escrita por Silvio Romero. A segunda, sobre a história da literatura brasileira dividida entre João Ribeiro e Silvio Romero, sendo que fica claro o papel de coadjuvante exercido pelo primeiro, embora, segundo nota de





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Barreto, organizador da edição comemorativa aqui estudada, a obra ganhe expressão com a parceria didática e metódica de Ribeiro, que só lhe acrescenta valor.

Bastante diferente da proposta do cônego Fernandes Pinheiro para a literatura é a de Silvio Romero, claramente um intelectual afinado com as novas reflexões teóricas oriundas da orientação positivista e naturalista importadas da Europa. O *Compêndio de Literatura Brasileira*, sem dúvida, representa, no campo da literatura, a máxima expressão do positivismo no Brasil que, desde o final dos oitocentos até o surgimento do formalismo russo, fincou os estudos literários no campo da história. Vinculada ao fortalecimento das línguas modernas e dos estados nacionais, produtos da maturidade burguesa, a história da literatura, a partir do século XIX, ganha expressão como síntese do desenvolvimento histórico de um povo, que encontra nela a expressão de uma identidade própria, a partir das determinações do meio, das heranças culturais, da sua evolução e das raças presentes em sua formação.

O positivismo, espécie de doutrina filosófica, vem marcado por uma pretensão de seu autor, August Comte, de fundar uma ciência geral para explicar as sociedades humanas. Perfeitamente adequada às necessidades de se explicar o capitalismo pela ótica do pragmatismo liberal, a sociologia de Comte ganhou um colorido muito forte nas letras brasileiras, pela vertente dos seus desdobramentos mais expressivos: o de Hippolyte Taine (1828 - 1893), que defende a idéia de que a criação da obra de arte está inflexivelmente vinculada às determinações do meio; o de Zola (1840 - 1902), para quem, na escrita da obra literária, a imaginação foi substituída pelo senso do real, que significa “sentir a natureza e representá-la tal como ela é” (ZOLA, 1995, p. 26).

De modo que, Silvio Romero, sustentado por essas ideias, vai definir na Introdução do *Compêndio...*, que toda literatura é resultante de três fatores fundamentais: o meio, a raça e as correntes estrangeiras (2001, p. 23). A seguir, passa a descrever, por capítulo, esses três itens. O autor expressa sua concepção de meio como sendo “o aspecto geral da natureza, o clima, a temperatura, a constituição geológica e geográfica do país e seus conseqüentes imediatos – o trabalho, a alimentação – e as condições fisiológicas e sociais da população” (Id. Ibid, 2001, p. 25).

Sobre o meio, Romero faz uma longa digressão acerca do clima, fauna, flora, agricultura e acidentes geográficos, dividindo o país em regiões, de acordo com esses elementos. Fala de como essas variantes interferiram no espírito do povo e produziram diferenças. Estabelece os tipos





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

humanos brasileiros a partir de sua localização geográfica, diferenciando os moradores “anêmicos e apáticos das terras baixas e quentes das praias e das matas”, dos “gaúchos guapos, alegres, campeadores audazes” (Id. Ibid, p. 40-41).

É fácil depreender que essa concepção de meio, sem a marca das contradições de classe, coaduna com uma sociedade de classes. O autor justifica, em função das necessidades do meio, a própria escravidão no Brasil: “Foi ainda ele (o meio) que determinou o fato da escravidão...”. Fácil também é entender, na mescla entre o naturalismo e o romantismo tardio que marcaram as ideias de Romero e a própria literatura no Brasil em fins do século XIX, o louvor idílico à natureza, cantada em prosa e verso. É como se esta não fosse mediada pelo trabalho do homem, mas simplesmente o ‘berço esplêndido’ que embalou o país até os albos do século XX.

No próximo item da obra, em que aborda a questão da raça, Romero historiciza o apagamento dos povos indígenas em nome da civilização. Diferencia o caso dos americanos, que procederam a uma extinção direta das nações indígenas, dos portugueses, entendidos como um povo apaziguado e avesso a tiranias e cuja relação com os indígenas do Brasil teria se dado de modo indireto e, portanto, mais humano. Isso teria provocado a miscigenação entre o português, o africano e os indígenas, ao longo dos quatrocentos anos de convívio, formando “uma raça histórica”. Nesse capítulo, o autor ainda faz uma descrição bastante pormenorizada das raças que formaram o povo brasileiro, das nações indígenas espalhadas pelo território nacional, dos primórdios da escravidão no país e da origem dos diferentes grupos e tribos africanos submetidos à escravidão no Brasil.

Por fim, Romero faz uma rápida discussão acerca das influências estrangeiras, do sentido teórico da Literatura Brasileira e suas fases evolutivas. O restante da obra apresenta a literatura brasileira por fases evolutivas, toda ela discutida pela ótica do meio (a natureza brasileira), das raças formadoras do povo brasileiro (o português, o africano e o indígena) e das influências estrangeiras (Europa e Estados Unidos).

Sofrendo a literatura desses três determinantes, segundo Romero, é possível entender com mais precisão porque, nos estudos de literatura ainda na contemporaneidade, nos livros didáticos de Ensino Médio, a análise recai menos na obra literária e mais nos fatores externos. Isso gerou





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

uma história literária em que a biografia dos autores precisa ser enfatizada como prova de que sua obra sofre a influência do meio no qual ele viveu e se formou.

No interregno que vai entre o fim da escravidão no Brasil e o advento do século XX assiste-se à eclosão de um novo momento histórico. Nesse início de século, as transformações que deram lugar a uma sociedade monopólica e agressiva exigiu a perda da inocência e a formulação de novas teorias especializadas no campo da literatura como, por exemplo, o formalismo russo e o estruturalismo que vão centrar a análise da obra literária na forma, em suas estruturas internas. Todo o complexo de ideias positivistas-naturalistas-evolucionistas coloca-se na transição do capitalismo concorrencial para o monopólico, ideias que vão sendo superadas por novas respostas a necessidades de ordem material forjadas pelas transformações por que passa o mundo. Nessa virada, os ideais liberais da chamada geração de 1870 de mudar o mundo pela palavra, de lutar pela regeneração nacional (Romero, 2001, p. 16) são substituídas por novas ideias. A literatura torna-se missionária, em um sentido mais estrito, o da afirmação de uma visão estética da literatura, em detrimento da visão histórica, muito embora, esse exercício de olhar o texto literário pelos seus elementos internos seja uma prática do ensino superior, enquanto no ensino fundamental e médio permanece a velha concepção historicista que privilegia fatores externos à obra literária: a biografia do autor e os elementos históricos.

Conclusões

A análise dos instrumentos de ensino das línguas modernas, em Ratke e Comenius, bem como o florescimento dos manuais didáticos de língua e literatura no ensino secundário do Colégio Pedro II, permitiu a compreensão dos determinantes históricos que configuram a atual seleção e organização dos conteúdos de Língua/Literatura nos livros didáticos do Ensino Médio, na atualidade. Ao longo da pesquisa, em linhas gerais, a par de todas as determinações manufactureiras que forjaram o manual didático como instrumento único de acesso ao estudo da língua e da literatura nas escolas modernas, foi detectada uma concepção pragmática de leitura, que orientou a formulação de um instrumento de ensino da língua, que não privilegia o texto literário e que se estendeu até os dias atuais. Isso justifica a hipótese inicial de que esse instrumento, na sua versão contemporânea, não conduz à formação de um





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

aluno crítico e transformador, visto que, no estudo de uma língua, o principal instrumento de formação de uma consciência lingüística, estética e social é a literatura que dela emana.

Considera-se que apenas os instrumentos didáticos formulados e adotados por dois autores – Fernandes Pinheiro e Silvio Romero – foram suficientes para a compreensão dos caminhos que o ensino secundário de literatura assumiu ao longo dos séculos XIX e XX. Também são suficientes como base para se compreender a seleção e organização dos conteúdos dos atuais livros didáticos, muito mais marcados pela historiografia literária do que, propriamente, pela obra literária, especialmente, a obra clássica.

Em relação ao Compêndio de Literatura Brasileira de Silvio Romero, é importante, considerar que, embora ele tenha sido publicado em primeira edição em 1906, suas ideias se originaram no período que vai da elaboração das postilhas *Historia da Litteratura Brasileira* até a publicação da primeira edição da mesma, no ano de 1888. Esse percurso justifica situá-lo como expressão do complexo de ideias da crítica positivista-naturalista da literatura no Brasil, capitaneada por ele mesmo, Silvio Romero.

Autores como Theófilo Braga e João Ribeiro compareceram no ensino do Colégio Pedro II, no ensino da literatura, de modo mais expressivo com antologias e, este último, com gramáticas. Em relação às antologias é importante registrar que o seu desaparecimento do cenário escolar do ensino médio deveu-se à migração dos textos para o livro didático atual, cujas escolhas não são mais de ordem política, mas em atendimento às exigências do ingresso ao ensino superior, como apontamos no artigo *Manuais didáticos: formas históricas e alternativas de superação* (2010b).

Em relação aos clássicos da literatura universal, nos currículos do Colégio Pedro II, de acordo com os programas arrolados por Vechia e Lorenz (1998), sua utilização torna-se mais visível nas cadeiras de Latim e Francês e assim mesmo condensado em seletas. Quando, nos programas de língua materna, a indicação de seletas indicia a presença de clássicos da literatura, o exame dos conteúdos elencados nesses programas demonstra que as mesmas eram utilizadas não com um fim em si mesmo, de apreensão e apreciação dos elementos literários presentes nos excertos dos textos, mas como instrumentos de domínio da sintaxe. Ou seja, de um aprendizado mecânico e formal da língua e da fala. A título de ilustração, registra-se o depoimento de Ledo Ivo, escritor brasileiro, acerca do uso de Camões na escola: “No ensino de português e literatura, imperava uma edição expurgada d’Os





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Lusíadas. Éramos todos intimados a descobrir a oração principal em certas estrofes camonianas...” (IVO apud LAJOLO E ZILBERMAN, 2003, p. 205).

O estudo de textos literários só vai marcar presença no ensino de língua com as antologias, que começam a circular mais intensivamente, à época da Primeira República. O exemplo mais expressivo é a *Antologia de Língua Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (1951), adotada no Colégio Pedro II, a partir de 1895, como citado por Laet, na 29ª edição, com o título de “Duas palavras como antelóquio da 6ª edição”. Essa antologia é a mais difundida de que se tem notícia e circulou pelas escolas brasileiras até a década de 1959, a julgar pela 36ª edição, encontrada no NUDOM, Colégio Pedro II. É preciso ainda pontuar que, as antologias começam por absorver e contemplar exercícios oratórios e de composição, noções de gramática e biografia de autores, enquanto a presença do texto literário vai se tornando cada vez mais acanhada, até o ponto de se transformarem de antologias em manuais didáticos.

Em relação ao teor do conteúdo literário, a partir da organização das antologias, já no Brasil República, os textos das mesmas serão selecionados consoante valores da nova etapa que o país estava iniciando, conforme já apontamos no artigo *Manuais didáticos de língua e literatura na modernidade: gênese e desenvolvimento histórico* (2010). Isso é demonstrado pela análise comparativa do teor das antologias com a realidade brasileira do fim dos oitocentos. São textos de exaltação dos valores burgueses e do nacionalismo republicano. É o sistema educacional consolidando a base material de um Brasil moderno e liberal.

Por fim, os apontamentos de Vecchia e Lorenz (1998), bem como o exame de fontes utilizadas no Colégio Pedro II e estudadas anteriormente revelam que os conteúdos e a organização dos programas de Retórica, Poética e Literatura sofrem mudanças mais acentuadas exatamente no período em que ocorrem grandes transformações, tanto na base material do capitalismo, como no sistema político brasileiro. A certeza retórica para o ensino da língua dá lugar a um intrincado jogo em que os conteúdos se misturam e se confundem, tanto nas disciplinas como nos manuais, causando a impressão de que os caminhos do ensino da língua portuguesa e sua literatura estão sendo construídos a partir do último quartel do século XIX, sem muitas certezas e nenhuma segurança.

Por fim, o estudo aqui realizado revela que o compêndio estudado apresenta significativas marcas do positivismo na organização e, ao mesmo tempo, vincula-se aos manuais comenianos no





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

pragmatismo das ideias e na ausência do texto literário, o que se reproduz no livro didático contemporâneo. Estas características sinalizam que há um propósito e uma doutrina de ordem liberal a orientar a feitura desses manuais, desde sua gênese até a atualidade, conforme se expôs, ao longo das fases desta pesquisa.

Fontes Didáticas

BARRETO, Fausto e LAET, Carlos de. *Antologia Nacional*. “29ª edição adaptada ao programa do 2º ciclo” pelo Prof. M. Daltró Santos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1951.

COMENIUS, João Amós. *Tratado universal de ensinar tudo a todos*. Introdução, tradução e notas de Joaquim Ferreira Gomes. 3. ed. Lisboa. Calouste Gulbenkian, 1985.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso elementar de literatura nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1862.

RATKE, Wolfgang. *A nova arte de ensinar: (1571 - 1635) textos escolhidos*. Apresentação, tradução e notas de Sandino Hoff. Campinas: Autores Associados, 2008. (Coleção Clássicos da Educação).

ROMERO, Silvio. *Compêndio de história da literatura brasileira*. Colaboração de João Ribeiro. Organização de Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago Ed., Universidade Federal de Sergipe, 2001. Edição comemorativa.

Referências

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da literatura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. Manuais didáticos: formas históricas e alternativas de superação. In: BRITO, Sílvia Helena Andrade de; CENTENO, Carla Villamaina; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs). **A organização do trabalho didático na História da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2010a.

_____. Manuais didáticos de língua e literatura na modernidade: gênese e desenvolvimento histórico. *Revista HISTEDBR online*, Campinas-SP, v. 01, p. 6 -19, 2010b.

SOUZA, Roberto Acízelo de (org. apres. e notas). *Historiografia da literatura brasileira: textos inaugurais*: Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

VECHIA, A.; LORENZ, K. M. (orgs.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: 1998.

ZOLA, Emile. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário: EDUSP, 1995. (Críticas Poéticas)

